

## **A militância como “projeto”, ideais e escolhas de uma “nova geração”: Uma análise da trajetória de Flávia Schilling (Uruguai – 1964-1972)**

DIEGO SCHERER DA SILVA\*

O presente trabalho é um recorte da dissertação de mestrado “Até que um dia, de repente, tudo passa a ser contado no passado”: os projetos, as memórias e os campos de possibilidades na formação do indivíduo Flávia Schilling (Brasil - Uruguai, 1964-1980) que objetivou reconstruir parte da trajetória da brasileira Flávia Schilling (1953- ) desde a sua infância, passando pelo seu exílio no Uruguai em 1964, até o seu retorno ao Brasil em 1980, e, em termos mais amplos e abstratos, problematizar, por meio de sua biografia, as formas de constituição do indivíduo na história.

Pretende-se nas páginas que seguem repensar e analisar um momento específico da sua biografia: a opção pelo engajamento na militância política nas décadas de 1960 e 1970. A partir das seguintes questões – de que modo a trajetória de seu pai influenciou nas suas decisões? Como o ambiente político, econômico, social e cultural uruguaio contribuiu para suas escolhas? De que maneira é possível pensar a sua militância política como um projeto ao mesmo tempo individual e coletivo, e como parte da sua construção como sujeito? Quais as suas memórias sobre todo esse processo? – busca-se repensar as escolhas de Flávia e compreender quais os fatores que interferiram direta e indiretamente na formulação de seus projetos<sup>1</sup>, evidenciando as suas próprias opções diante dos campos de possibilidades<sup>2</sup> a ela apresentados.

Partimos do princípio de que Flávia não nasceu militante nem estava fadada a militar; as suas escolhas, que certamente passaram por inúmeras reflexões, hesitações, incertezas e acasos, e a construção de seus projetos tiveram como base os campos de possibilidades que lhe foram abertos com o exílio no Uruguai, ou seja, a realidade vivida por ela e sua família naquele momento e local. Pretendemos questionar, assim, a ideia de um plano organizado e pré-determinado para a sua militância.

### **1. Flávia Schilling, uma breve apresentação**

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>1</sup> A noção de “projeto” utilizada aqui vem da interpretação de Gilberto Velho (1999: 40) e é entendida como “a conduta organizada para atingir finalidades específicas”.

<sup>2</sup> A noção de “campo de possibilidades” é entendida aqui como “a dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos” (VELHO, 1999:40).

Flávia nasceu no dia 26/04/1953 em Santa Cruz do Sul, e logo em seguida mudou-se para Encruzilhada do Sul, cidade no interior do Rio Grande do Sul. Filha da dona de casa Ingeborg Schilling e do economista e político Paulo Schilling, viveu os primeiros anos de sua vida em meio as mudanças de endereço de seu pai. Após publicar o livro “A questão do trigo”, Paulo Schilling foi convidado para trabalhar com Leonel Brizola, então governador do estado do Rio Grande do Sul. Em entrevista recente, Flávia relatou:

*“A gente sai de Encruzilhada do Sul, vai morar em Porto Alegre. E lá se vive a luta pela legalidade, a resistência da luta pela Legalidade. Obviamente o Brizola é um dos protagonistas. Meu pai estava lá no Palácio o tempo todo. É uma situação realmente forte naquele momento. Enfim, meu pai trabalha nessa condição: ligado ao Brizola. E quando o Brizola se elege deputado federal pelo Rio de Janeiro, meu pai acompanha novamente o Brizola. E nós vamos pro Rio de Janeiro também. Em final de (19)63. Então a gente vive o golpe de estado no Rio de Janeiro<sup>3</sup>.”*

Logo após o golpe, Paulo busca asilo na embaixada do Uruguai, motivado pela “perseguição aos políticos ligados ao governo deposto pelo golpe e aos que eram vistos como opositores ao novo regime” (MARQUES,2006:19). Flávia ficou morando em Porto Alegre até agosto de 1964, quando rumou para o novo país.

Em Montevidéu, nossa personagem encontrou um ambiente muito diferente do vivido no Brasil: o Uruguai se apresentava até então como um lugar com forte experiência democrática, com um ensino de qualidade e gratuito, e com ideias muito conservadoras em relação aos costumes, o que ocasionou uma espécie de “choque cultural”, como narra a própria Flávia Schilling<sup>4</sup>.

Foi nesse ambiente que completou seus estudos e ingressou na militância política. Como relata seu pai, na introdução do livro “Querida Família:”, “no Instituto Alfredo Vasquez Azevedo [Flávia] integrou-se à F.E.R. – Federação dos Estudantes Revolucionários, de orientação Tupamara” (SCHILLING, 1972:10.) para em seguida, após ingressar na Faculdade de Medicina de Montevidéu – a qual abandonou-a ainda no primeiro ano de graduação – , dedicar-se inteiramente ao Movimento de Libertação Nacional (MLN).

---

<sup>3</sup> Entrevista de Flávia Schilling concedida ao autor. São Paulo, junho de 2012.

<sup>4</sup> Entrevista de Flávia Schilling a na Revista do Movimento do Ministério Público Democrático - Dialógico – ano VI, n. 28, dezembro de 2009, p. 13.

Depois de aproximadamente dois anos de militância, Flávia acabou presa, em 24 de novembro de 1972, aos 18 anos de idade. No momento de sua prisão, foi ferida por um tiro, tendo a bala lhe perfurado a laringe e a epiglote, causando séria hemorragia. Submetida a uma cirurgia no hospital militar, acabou sendo salva pela equipe médica.

Conforme consta em documento oficial do governo brasileiro, antes de ser removida definitivamente para a Penitenciária Feminina de Punta Rieles, a 14 km de Montevidéu, Flávia permaneceu meses mudando constantemente de prisões: “Submetida a julgamento, foi condenada a 10 anos de prisão e mais cinco de medida de segurança, numa decisão em que a pena foi superior à pedida pela promotoria (9 anos)”<sup>5</sup>.

Flávia continuou presa até abril de 1980. Entretanto, as tentativas e campanhas pela sua libertação começaram muito antes. Foram inúmeros os envolvidos nesse movimento: sua família – que acabou se mudando para a Argentina, ficando apenas a irmã Cláudia no Uruguai –, a imprensa, os comitês que lutavam por liberdades políticas<sup>6</sup> e até mesmo pelo governo do Brasil. Conforme argumentam Rodeghero, Dienstmann e Trindade (2011:137), a libertação de Flávia aconteceu quando “o governo uruguaio, pressionado interna e externamente, promulgou lei dando liberdade e expulsando a todos os estrangeiros presos no país. Após sete anos e meio, Flávia – juntamente com outros 36 presos estrangeiros – era, finalmente, posta em liberdade”.

Pretendemos na sequência do texto dar uns passos atrás e discutir os motivos que levaram Flávia a envolver-se na militância política. Sabemos que a escolha de Flávia certamente não foi isolada. Outros jovens, naquele momento, também visualizaram na atividade política o vetor para transformar as suas vidas<sup>7</sup>. É preciso, entretanto, entender o porquê da militância política ter sido o caminho escolhido por eles (e por ela). Por que tal forma de atuação estava em voga naquele contexto histórico? Para responder a essa pergunta torna-se necessário ampliar a nossa escala de observação por alguns momentos, a fim de visualizarmos o Uruguai e o mundo de maneira mais ampla, no sentido de examinar o

---

<sup>5</sup>Caso Flávia Schilling - Relatório. Documento disponível no Arquivo Nacional. Processo GAB nº 100.075. 02/02/1979 - 19 folhas/35 páginas. [BR.AN.RIO.TT.0.MCP.PRO.1632] p.15-16.

<sup>6</sup> Foram importantes as atuações, entre outros grupos, do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA) e do Movimento Feminino pela Anistia (MFPA).

<sup>7</sup> Um exemplo nesse sentido, no caso do Brasil, é a trajetória de Maria Regina Pilla. Para mais ver: SCHMIDT; DI LACCIO; SILVA (2013).

significado do famoso e agitado ano de 1968, para daí sim tentarmos explicar as escolhas de nossa personagem.

## **2. A militância no campo de possibilidades (ou: uma análise do projeto militante)**

*E em [19]68 eu sou muito jovem ainda, ainda estou no ginásio [...]. E há obviamente uma agitação em Montevideú, a coisa é, eu diria assim, é Europa, é México, é Argentina, é Uruguai, é Brasil. Hoje ficam falando do Orkut, das redes sociais e do Twitter, imagina, não tinha nada disso, e de alguma maneira [19]68 pega.<sup>8</sup>*

“1968 pega”: a expressão utilizada por Flávia não poderia expressar melhor o impacto que se atribui a este ano no desenrolar dos acontecimentos históricos ao redor do mundo: “Mil novecentos e sessenta e oito foi o ano síntese da explosão de múltiplos acontecimentos mundo afora que tiveram, no seu epicentro, a participação dos estudantes” (PADRÓS, 2003: 09). Foi o resultado da integração de inúmeros eventos que, de uma forma ou de outra, desorganizaram e tencionaram o espaço social, político e cultural mundial.

Conforme expõe Hobsbawm (2008: 292-293):

*[...] se houve um momento [...] que correspondeu ao levante mundial simultâneo com que os revolucionários sonhavam após 1917, foi sem dúvida 1968, quando estudantes se rebelaram desde os EUA e o México, no Ocidente, até a Polônia, Tchecoslováquia e Iugoslávia, socialistas, em grande parte estimulados pela irrupção de maio de 1968 em Paris, epicentro de um levante estudantil continental.*

1968 foi, pois, um tempo de contestação. Ainda segundo Hobsbawm (2008: 295), “não surpreende de modo algum que a década de 1960 se tenha tornado a década da agitação estudantil *par excellence*”. Nas palavras do autor,

*Em 1968-9, uma onda varreu os três mundos, ou grande parte deles, levada essencialmente pela nova força social dos estudantes, cujos números se contavam agora às centenas de milhares mesmo em países ocidentais de tamanho médio, e logo se contariam aos milhões. Além disso, seus números eram reforçados por três características políticas que multiplicavam sua eficácia política. Eram facilmente mobilizados nas enormes usinas de conhecimento que os continham, deixando-os ao mesmo tempo mais livres que os operários em fábricas gigantescas. Eram encontrados em geral nas*

---

<sup>8</sup> Entrevista de Flávia Schilling concedida ao autor. São Paulo, junho de 2012.

*capitais, sob os olhos dos políticos e das câmeras dos meios de comunicação. E, sendo membros das classes educadas, muitas vezes filhos da classe média estabelecida, e – quase em toda parte, mas sobretudo no Terceiro Mundo – base de recrutamento para a elite dominante de suas sociedades, não eram tão fáceis de metralhar quanto as classes mais baixas. (HOBSBAWM, 2008: 431)*

Mesmo levando-se em conta essa efervescência em escala mundial, e sem desconsiderar o seu impacto nas sociedades ocidentais, é interessante observar o que diz Maria Paula Araujo (2008) a respeito do embate entre a história e a memória de 1968 e a mistificação que se constrói sobre a data. Para a autora, “1968” é muitas vezes apresentado como “um ano mítico, carregado de significados que remetem às noções de juventude, rebeldia, movimentos estudantis”, o que o leva a ser pensado como um “evento em si, um personagem, uma entidade”. É preciso evidenciar, entretanto, ainda de acordo com Araujo, que “quando se fala em ‘68’ fala-se de eventos muito diferentes entre si, como se eles tivessem um significado único. As diferenças são apontadas, mas minimizadas. O que importa não são as diferenças, mas as semelhanças”. (ARAUJO, 2008: 102-104).

A partir dessas considerações, é preciso evidenciar que para a América Latina esse movimento não ficou “fechado” no ano de 1968. O “espírito” de sessenta e oito<sup>9</sup> manifestou-se de forma diversa, em recortes cronológicos diferentes e com intensidades distintas. Conforme expõe Padrós (2003: 12), o 68 latino-americano ocorreu durante toda a década de sessenta, e provavelmente dura até 1973, ano dos golpes militares no Chile e no Uruguai. E diz ainda:

*o subcontinente teve movimentos próprios, autônomos, com lógicas explicativas nacionais e conectados, de forma geral, com as reivindicações universais daquela onda. A crítica global ao imperialismo, ao colonialismo, ao racismo, à exploração e à desumanização da civilização esteve acompanhada de elementos particulares e concretos nas diversas realidades nacionais (PADRÓS; FERNANDES, 2009: 29).*

---

<sup>9</sup> Quando falamos do “espírito de 68” partimos das ideias de Araujo (2008). Para a autora, “o ‘espírito de 68’ é uma construção da memória, de certa memória sobre a época, que procura galvanizar numa imagem única, com um sentido e um conteúdo único, uma série de eventos, posturas, propostas e posições com conteúdos e sentidos muito diversos entre si. Esta operação – que apaga as diferenças e reforça as semelhanças entre os eventos – tem como resultado a construção quase mítica de um ano símbolo das utopias revolucionárias do séc. XX”. (ARAUJO, 2008:113).

No caso do Uruguai, 1968 pode ser visto como um momento marcante na escalada rumo ao regime autoritário. Como aponta Souza (2003: 71), “entre os anos de 68 e 71, houve um deslizamento das formas políticas democráticas para a ditadura”. Segundo Padrós e Fernandes (2009), o 68 uruguaio iniciou, de certa forma, com a morte do presidente Oscar Gestido, em dezembro de 1967, e sua substituição pelo vice-presidente Jorge Pacheco Areco, governo marcado, desde o começo, pelo autoritarismo.<sup>10</sup>

Conforme aponta Padrós (2005: 261), a estagnação econômica dos anos 60 inviabilizou a permanência da conciliação social construída a partir do legado do Estado de “bem-estar” batllista. A deterioração dos padrões distributivos expôs um embate social latente. Some-se a isso um conflito a partir das reivindicações dos trabalhadores das plantações de açúcar, trazendo à tona um “inédito e organizado movimento de trabalhadores do campo” (PADRÓS, 2005: 261).

Nas cidades a situação não era diferente. Conforme expõe Markarian (2012: 21),

*mientras el sistema político tradicional trataba de reaccionar, un abanico de nuevos actores se organizó para responder. [...], los sindicatos se embarcaron en un largo proceso de unificación en una central única; el movimiento estudiantil se radicalizó y se unió a los trabajadores en sus reclamos y movilizaciones; los viejos partidos de izquierda reconsideraron sus posiciones y nuevos grupos fueron creados para hacer frente a la crisis y promover el cambio por medios diferentes.<sup>11</sup>*

Por fim, é preciso ressaltar ainda uma característica do panorama geral dos anos 60 no Uruguai que diz respeito, segundo Padrós (2005: 264), ao resultado de duas ordens de combinações:

*uma interna, de tensões e contradições resultantes do esgotamento econômico pela dependência estrutural do mercado mundial, da incapacidade política das velhas elites para encontrar soluções à crise e do protagonismo crescente de atores sociais em processo de pauperização*

---

<sup>10</sup> É importante entender que, além disso, conforme veremos logo a seguir, a década de 1960 marcou o aprofundamento de uma crise estrutural que atingiu as bases das políticas de bem-estar social uruguaias: “A pauperização da população, o arrocho salarial e a deterioração dos serviços sociais estatais intensificaram um descontentamento que passou a se expressar em constantes mobilizações sociais dos mais diversos matizes”, levando o governo Pacheco Areco a utilizar-se da violência como principal instrumento de ação política (PADRÓS; FERNANDES, 2009: 30-31).

<sup>11</sup> Conforme expõe Padrós (2005: 262), foi neste contexto que os trabalhadores fundaram, em 1964, a Convención Nacional de Trabajadores (CNT), qualificada estrutura de organização e de superação da anterior atomização do movimento operário, o que atraiu inclusive a participação de estratos médios da população, até então distantes dos setores populares.

*acentuada; outra, na vinculação desses fatores internos com uma série de fatores e questões externas que realimentaram a dinâmica interna (a Revolução Cubana, a Guerra libertadora do Vietnã, a guerrilha de Che Guevara, o Maio Francês, etc.). Isso gerou um efervescente cenário que marcou a geração da crise, multifacetada quanto ao campo de atuação, mas coincidente em questões de fundo.*

A crise econômica, somada ao fechamento político, levou parte da população uruguaia a se manifestar politicamente. Lia Maciel, companheira de prisão de Flávia, ambas integrantes dessa “geração da crise”, quando perguntada sobre a situação uruguaia na década de 1960, comentou:

*Há uma situação de crítica do ponto de vista econômico do país e do ponto de vista das liberdades políticas, sumamente restringidas. Governava-se com medidas prontas de segurança<sup>12</sup> permanentes; então digamos que do ponto de vista dos protestos a sociedade uruguaia estava muito organizada, havia uma central única de trabalhadores, havia uma central única de estudantes universitários, outra de estudantes secundaristas, que por isso, nessa situação, gerava um permanente estado disso que tu viu hoje [cheguei ao Uruguai em um dia de “Paro”, uma paralisação de inúmeros setores da sociedade que tomou as principais ruas de Montevideú], isto era permanente. Três anos assim, quatro anos, paralisação, repressão, cárcere<sup>13</sup>.*

Questionada se isso tudo representava o ano de 1968, Lia disse:

*[19]67, [19]68, [19]69, [19]70, [19]71, todos esses anos. Foi crescendo. Mas começou em [19]67 a parte dos protestos, da pressão popular e a parte da repressão. E, bem, a censura de imprensa, dos semanários, fechava um, abriam outro, fechava, abriam outro<sup>14</sup>. Estes anos foram assim, de uma situação onde não havia a possibilidade de expressar-se, menos ainda de organizar-se ou tentar uma participação na vida política legal. Não havia onde, salvo a nível gremial, que tinha essas consequências. [...]. Surge como alternativa ingressar nos movimentos clandestinos, como o MLN [...].<sup>15</sup>*

<sup>12</sup> Uma das características do governo de Pacheco Areco foi a banalização e a utilização indiscriminada das *medidas prontas de seguridad* (dispositivos constitucionais de exceção). Tais medidas acentuaram o clima de insegurança geral e aceleraram o processo de radicalização e confronto no interior da sociedade (PADRÓS; FERNANDES, 2009: 31). Conforme aponta Villalobos (2006: 58), “entre junho de 1968, [...], e 1971, ele [Pacheco Areco] só abriu mão desse recurso por três meses”, foram, no total, 83 *medidas de pronta seguridad* em seu governo.

<sup>13</sup> Entrevista de Lia Maciel ao autor. Montevideú, julho de 2013.

<sup>14</sup> Sobre a censura no período ver PADRÓS (2005) e VILLALOBOS (2006).

<sup>15</sup> Entrevista de Lia Maciel ao autor. Montevideú, julho de 2013.

É interessante observar no depoimento de Lia a forma como o Uruguai vai entrando no “espírito de 1968”. Um processo de fechamento político, aumento das *medidas prontas de seguridad (MPs)*, escalada rumo à ditadura, crise econômica, tudo isso se misturando a grandes manifestações populares, pois grupos de trabalhadores, estudantes e militantes estavam frequentemente reivindicando nas ruas. Um cenário propício a almejar e vislumbrar mudanças e transformações, que de certa forma motivou Lia, Flávia e tantos outros jovens naquele momento<sup>16</sup>.

A atuação do movimento estudantil uruguaio é muito marcante nos anos 1960. Conforme explicam Padrós e Fernandes (2009: 35), a mobilização dos estudantes daquele país vinha numa progressão crescente desde o início da década, e inegavelmente o 68 estudantil no Uruguai foi indissociável da dinâmica que explodiu em todo o mundo e que gerou um acentuado protagonismo deste setor. Segundo os autores,

*O movimento estudantil vinha questionando, há tempo, a política econômica do governo, a crise estrutural e o uso das MPs. As mobilizações de 1968 iniciaram-se com duas questões pontuais: o aumento da passagem escolar e a discussão do orçamento da Universidad de la República (pública). Entretanto, a dinâmica do movimento ampliou o leque de reivindicações, assumindo a rejeição das MPs, o repúdio ao congelamento salarial, o protesto contra a invasão policial nos campi universitários e, finalmente, o confronto com o governo quando este tentou destituir as autoridades universitárias. Tudo isso se retroalimentou com os desdobramentos dos acontecimentos que varriam a França, o Brasil, a Argentina, o México, a Tchecoslováquia, os EUA, etc. (PADRÓS; FERNANDES, 2009: 36).*

Com este panorama aqui brevemente esboçado, que circunscreve um campo de possibilidades e limites, é possível voltar a nossa personagem. Flávia, em artigo publicado em 1998, escreveu:

*Los temas de la década estaban en mi repertorio: Cuba, revolución, imperialismo, luchas populares, Vietnam, Praga, dictadura. Convivían en mi cotidiano los Beatles [...] y Che Guevara. [...] Pienso, con referencia al hoy, que lo que caracterizaba el 68 era la imposibilidad de elegir una preocupación o punto de vista dominante. Las dos consignas, mudar la vida y cambiar la sociedad, se unían profundamente. Entonces, el pelo,*

---

<sup>16</sup> Os dados referentes a 1968 são bem demonstrativos da inconformidade dos setores populares e do seu grau de ativação política e mobilização. Nesse ano ocorreram 134 greves em empresas e instituições estatais; 130 em empresas privadas; 56 em instituições de ensino; 446 paralisações e ocupações de fábricas; 220 manifestações estudantis; 40 ocupações de faculdades; etc. (PADRÓS, 2005: 278 e 279)

*relaciones amorosas, militancia política, música, tendían a apoyarse mutuamente, formando un intrincado sistema. Las decisiones eran hechas de emoción y pasión, construcción de identidades estéticas y éticas. La belleza, el cuerpo, convivían con el discurso libertario en el plano político. [...] una diferencia con el hoy es precisamente ésta: los signos parciales de la contestación no se encontraban fragmentados, capturados por el mercado (todavía). [...] Había una sensación de estar “galopando el caballo blanco de la historia” y había aquella impresión muy propia de la juventud de invencibilidad, de fuerza, de empuje. [...] es importante insistir en la identidad colectiva (mundial, incluso) que se crea en la época y rompe con la soledad (tan profunda en la adolescencia), la de la juventud. (SCHILLING, 1998: 05).*

As memórias de Flávia sobre “68” parecem ir ao encontro daquilo que ficou consolidado como marcas do período: o ano das revoluções, utopias, transformações, da força da juventude. É interessante observar, nesse sentido, o que expõe Araujo (2008) sobre essa rememoração. Segundo a autora, o olhar que as pessoas que viveram “68”, e aqui incluímos nossa personagem, lançam sobre o ano é, também, o olhar que dirigem sobre sua juventude. Em suas palavras: “De certa forma para toda uma geração [...] o ano de 1968 tornou-se a metáfora de suas juventudes. Talvez até mais do que a metáfora: o melhor momento e a melhor representação de suas juventudes” (ARAUJO, 2008: 107).

Nossa personagem viveu e sentiu, e introjetou como parte de sua identidade, os ares de 1968. Era uma estudante enquanto estes fatos aconteciam. As transformações, mudanças e ensejos de revolução eram parte do seu dia-a-dia. A militância e o engajamento abriam-se como vias legítimas em seu campo de possibilidades. Colegas e amigos começavam a organizar seus projetos a partir dessa realidade, atribuindo ao grupo geracional a ideia da juventude invencível que “galopava o cavalo branco da história”.

Nesse processo, é preciso refletir sobre a importância do Instituto Alfredo Vasquez Acevedo em tal contexto. Conforme contou Lia, o Instituto – onde ela e Flávia estudaram – era “el centro” da militância estudantil, muito organizado e atuante.<sup>17</sup> E foi neste ambiente que Flávia iniciou o seu envolvimento com o movimento estudantil:

---

<sup>17</sup> Lia relatou um episódio interessante sobre a força dos estudantes nesse período; segundo ela, “no instituto, os estudantes estavam muito organizados e com uma atitude muito militante, a ponto que conseguimos expulsar o diretor porque comprovamos corrupção. Conseguimos, com os protestos, conseguimos que o tirassem. Para nós uma vitória. Jovens, apaixonados. Foi uma vitória a retirada do diretor corrupto”. Entrevista de Lia Maciel concedida ao autor. Montevideú, julho de 2013.

*E claro, eu entrei no movimento estudantil em 69, então já um pouco tardiamente, mas lembra, não é um período cronológico... é um tempo em que isso tá acontecendo. Tem muito a ver [com] estar lá, no Instituto Alfredo Vasquez Acevedo [...]. [...] E o movimento ele acontece muito por uma identificação juvenil. Acho que é uma das primeiras expressões, a questão da emergência da questão da juventude e do movimento juvenil. Ela é realmente mundial, pelo menos nessa parte do Ocidente, e ela é muito entusiasmante<sup>18</sup>.*

É interessante perceber na fala de nossa personagem as referências à “identificação jovem”, à emergência da questão da juventude e do movimento juvenil. Não era apenas Flávia que sentia isso. Tratava-se de uma questão maior, que fugia ao indivíduo e abarcava todo um grupo. Essa emergência do tema da juventude deve ser percebida, enfim, como uma questão social e histórica. Segundo Hobsbawm (2008), o crescimento de ocupações que exigiam educação secundária e superior levou muitas famílias a colocarem seus filhos nesses níveis de ensino, acreditando na possibilidade de que eles, através dos estudos, pudessem conseguir uma renda melhor e um status social superior. E foram essas massas de rapazes e moças e seus professores que constituíram um novo fator na cultura e na política.

Ainda para o historiador britânico (2008: 295-296), os estudantes ficavam em uma posição meio incômoda em relação ao resto da sociedade. Ao contrário de outras classes e agrupamentos sociais mais velhos e estabelecidos, eles não tinham, nela, um lugar determinado, nem um padrão de relações. Os jovens sentiam que tudo podia ser diferente e melhor, mesmo não sabendo exatamente como.

Concretizando essa interpretação mais ampla, pode-se citar o exemplo do depoimento de Cristina Castanera, militante do MLN e companheira de prisão de Flávia, a respeito do que era essa juventude:

*Bem, era outra realidade, outra cabeça, outra maneira de se portar frente à sociedade. Os jovens hoje, ainda que tenham jovens que queiram mudar a sociedade, como éramos nós, os jovens hoje não se atrevem a questionar o poder, o poder mesmo. [...] Os jovens de hoje buscam saídas individuais de oposição ao sistema. Para nós, a única saída real que havia era derrubar o sistema. Nós nem duvidávamos se era possível, não duvidávamos. Podíamos ter distintas opiniões de como fazer, mas tínhamos*

---

<sup>18</sup> Entrevista de Flávia Schilling ao autor. Porto Alegre, 2013.

*o convencimento de que íamos derrubar o sistema. [...]. Todos pensávamos que era possível.<sup>19</sup>*

É neste cenário que Flávia começa a ter as suas primeiras experiências de participação política. Episódio marcante em tal processo, e paradigmático como ela assinalou, relaciona-se à invasão soviética em Praga e as manifestações que aconteceram no Uruguai relacionadas ao fato:

*Uma questão que eu sempre comento que é para mim o momento mais paradigmático disso foi uma vez... Bom, uma das questões que se vive nessa época é a Primavera de Praga e a invasão soviética reprimindo a Primavera de Praga. Isso é pouquíssimo lembrado aqui e foi muito interessante porque no ginásio... Eu estudava no ginásio, no Liceu Suarez que fica no Boulevard Espanha quase em frente à Embaixada Soviética. Aí eu me lembro de a gente ter uma enorme discussão no ginásio, se perguntando se iríamos ou não manifestar contra a invasão da União Soviética. Porque na época, se você se manifestava contra a União Soviética, você era a favor dos Estados Unidos e, portanto, capitalista. Então era um pouco a coisa antagônica. E eu me lembro que foi uma discussão imensa, porque ao mesmo tempo a gente apoiava a luta, e era uma luta jovem, também por liberdade, etc. E se decidiu ir manifestar. Eu digo [que] isso é ótimo, porque é muito paradigmática essa história, porque é um pouco o momento em que talvez as grandes contradições, de socialismo/comunismo X capitalismo, a coisa da Guerra Fria, começa de alguma maneira já a se transformar, por conta de outras lutas que emergem, no caso as lutas juvenis, as lutas por liberdade, enfim.*

*[...] Mas eu me orgulho muito que nós fomos manifestar contra a invasão da União Soviética e a favor dos jovens tchecos. Então essas são algumas situações que mostram um pouco o clima reinante<sup>20</sup>.*

O protesto contra a URSS expressa o clima de agitação vivido por aqueles jovens. O engajamento atribuído a eles era por um mundo considerado melhor, por transformações em todos os planos da vida social, por relações mais solidárias. Criticar a União Soviética em meio à guerra fria podia significar, como disse Flávia, apoiar os EUA; entretanto, a agitação era tanta que os estudantes foram lá e se manifestaram, mostrando que não estavam dispostos

---

<sup>19</sup> Entrevista de Cristina Castanera ao autor. Montevideú, julho 2013. É interessante perceber na fala de Cristina a homogeneização construída por ela quando se refere aos jovens de sua época, uma idealização por contraste ao tempo presente.

<sup>20</sup> Entrevista de Flávia Schilling concedida ao autor. São Paulo, junho de 2012.

a se enquadrar no binarismo da época. O momento permitia (e estimulava) os protestos. Era o “clima reinante” de que nos fala Flávia, Lia e Cristina.

Isso tudo nos leva a supor que as escolhas e decisões tomadas por aqueles jovens foram fruto de uma conjuntura, de um momento, de uma geração. Mas será possível pensar efetivamente em uma “geração 68”? Ou, ao menos, em uma “geração 68” de jovens uruguaios? Seria o sentimento de pertencimento a este grupo que levou Flávia a ingressar no FER e na militância política?

O uso da noção de geração motiva debates entre os historiadores. Conforme expõe Abreu (1997:183),

*[...] os estudos sobre geração têm mostrado disparidades e contradições, e que um grupo geracional apresenta um grande número de fatores heterogêneos em sua formação, o que provoca muitas objeções ao uso da própria noção. [...]. Apesar dessas restrições, a noção de geração tem permitido análises ricas sobre as subculturas dos jovens, seus modos de vida, suas modificações de valores, sua organização e projeto.*

Parece-nos proveitoso, não obstante as ambiguidades próprias à categoria, levá-la em consideração para entender o campo de possibilidades de nossa personagem. Partimos do princípio de que uma geração é um “conjunto de pessoas [...] que compartilhou experiências, ideias, valores, uma certa visão de mundo, enfim, viveu uma mesma conjuntura histórica e teve um mesmo projeto [...]” (ABREU, 1997: 182). Mas é preciso ir além.

Wilhelm Dilthey<sup>21</sup> defende que

*aqueles que receberam as mesmas impressões durante seus anos de formação constituem uma geração. Nesse sentido, uma geração consiste em um círculo fechado de indivíduos que formam uma unidade holística por meio de sua dependência em relação aos mesmos eventos e mudanças históricas por eles experimentadas durante seus anos de formação a despeito de outras diferenças.*

Até que ponto é possível pensar em uma identidade geracional relativamente homogênea? Como delimitar uma geração? Schmidt (1998: 9-10) argumenta, incorporando as ideias de Thompson sobre a formação de classe, que a noção de geração

---

<sup>21</sup> JAEGER, Hans. Generations in History: reflections on a controversial concept. IN: *History and Theory: studies on the philosophy of History*, v. XXIV, n° 3, 1985. p. 276, apud. SCHMIDT, Benito. *O(s) uso(s) da noção de geração na história social*. Texto inédito, 1994.

*não é uma coisa, mas o resultado de um processo ao longo do qual um certo número de pessoas se comporta de maneira geracional. Este comportamento tem por base certos eventos comuns experimentados que, para além das diferenças individuais, são incorporados como referências nas práticas e representações de um grupo.*

Abreu (1997: 183-184), utilizando-se das ideias de Karl Mannheim, evidencia que “uma geração se distingue não apenas pela contemporaneidade cronológica, mas pelo fato de viver os mesmos acontecimentos e experiências, o que cria e reforça entre seus membros laços de solidariedade, amizade e dependência”. Essa relação e vivência conjunta “gera uma forma comum de estratificação da consciência, e por isso, os indivíduos de uma mesma geração se reconhecem dentro dos mesmos códigos e das mesmas práticas políticas, sociais e culturais”.

Valendo-nos destas interpretações, parece-nos plausível pensar a militância de parte dos jovens nos anos 60<sup>22</sup>, e isso inclui a nossa personagem, no âmbito de uma geração, de um grupo etário engajado em um mesmo caminho. Desconsiderar tal questão pode ser, parece-nos, problemático para a análise. Afinal, é preciso, conforme expõe Abreu (1997: 190-191), perceber que “a construção de projetos dos atores sociais que aderiram à luta armada foi sendo elaborada ao mesmo tempo em que determinadas condições da realidade social se redefiniam”. Isto é, “os jovens [...] construíram suas trajetórias de vida a partir de um campo de possibilidades em que se entrecruzavam tanto o seu projeto individual como o projeto coletivo”.

E é nesse sentido que nos parece relevante pensar em termos de geração, na tentativa de visualizar o indivíduo no interior de um certo grupo, de perceber os seus projetos conectados a outros projetos. Falar em geração, portanto, possibilita compreender algumas coerências nas práticas e representações de um conjunto de indivíduos nascidos em um período próximo e que passaram por experiências marcantes comuns, sem perder de vista, ao mesmo tempo, a diversidade e a singularidade de suas trajetórias (SCHMIDT, 1998: 21-22).

---

<sup>22</sup> É interessante perceber que não foram todos os jovens que se engajaram na militância política (fato aparentemente óbvio, mas que nem sempre ganha visibilidade nas análises sobre a “geração 68”). Muitos preferiram continuar na universidade e não interromper a sua formação. Além disso, dentre os jovens envolvidos havia posicionamentos conflitantes, o que possibilita pensar em unidades distintas dentro dessa mesma geração. Para mais ver Mannheim (1982) e Hobsbawm (2008).

Flávia viu no campo de possibilidades que se abria uma forma de inserção na realidade uruguaia. O pertencimento a uma geração, a “geração 68”, abriu caminhos para suas tomadas de decisões. Entretanto, essa realidade não é suficiente para definir e explicar as escolhas da personagem. Torna-se necessário entender ainda a forma como o seu ambiente familiar interferiu em seus projetos. Compreender, sobretudo, o papel que teve Paulo Schilling em todo esse processo. Não obstante todas essas explicações, é preciso, igualmente, considerar os “resíduos de indecifrábilidade” (GINZBURG, 2006: 26) que estão na base de qualquer processo decisório, incluindo, no caso específico do presente texto, as decisões de Flávia.

Em seu trabalho sobre os jovens revolucionários no Brasil das décadas de 1960 e 1970, Abreu (1997: 189) destaca que “a casa, a família, foi onde se deu, em geral, o início da socialização política dessa geração. As primeiras discussões, a percepção e compreensão das desigualdades e injustiças sociais se deram dentro da família”. É possível supor que isto também tenha ocorrido com Flávia. Afinal, a política estava dentro de sua casa, com ela nos contou: *Óbvio que o clima da política estava em casa, a gente vivia política. Então não havia muito como escapar, um pouco era o clima.*<sup>23</sup> A experiência do exílio contribuiu igualmente para o entendimento e o sentimento da política no seio da família Schilling<sup>24</sup>.

É possível, entretanto, pensar que tal “clima” influenciou definitivamente as escolhas de Flávia? Sim, pois não se pode negligenciar que todo esse envolvimento familiar parece ter contribuído para que ela construísse uma determinada avaliação sobre a realidade, a qual possivelmente lhe favoreceu o engajamento político; mas ao mesmo tempo é preciso observar que as experiências vividas pela família Schilling não devem ser consideradas de maneira determinista, como algo que necessariamente leve à militância; afinal de contas as irmãs de Flávia viveram os mesmos eventos e nem por isso se envolveram com esse tipo de atividade.

Perguntada sobre a sua militância, Flávia nos disse:

*Eu sempre digo assim, a coisa da militância ela tem a ver [comigo]... [ela é] minha, separada do grupo brasileiro [referindo-se ao grupo de exilados juntamente com seu pai]. Então eu considero assim: o grupo dos brasileiros é um grupo velho, que está vivendo uma ilusão, eles não vão voltar, só vai brigar entre si, eu tô fora não é?*

E complementou:

---

<sup>23</sup> Entrevista de Flávia Schilling concedida ao autor. Porto Alegre, abril de 2013.

<sup>24</sup> Para mais ver SILVA (2014), principalmente o capítulo 01.

*[...] quando a gente tem 14, 15, 16, 17, 18 (risos), a gente tenta de alguma maneira se opor, não é verdade? Aos pais, normal. [...]. Mas o clima daquela época era isso. Eu acho que várias escolhas foram, e é um barato que é uma oposição, mas ao mesmo tempo, se tu olhar com clareza, muito contraditória, porque ela é também uma realização, né? É uma obediência também [...] a uma determinada expectativa paterna de compromisso, militância, solidariedade. Então de um lado é oposição, porque é a luta armada, é relacionada a um país que não é o dele, então eu não tô nem aí para o Brasil, eu quero o Uruguai, e não é via ação política partidária, digamos assim, é por ação militar. Mas não deixa de ser também a realização de um desejo paterno. Mas na época ela é vista como oposição; meu pai, ele reage, ele diz que não, que isso vai atrapalhar os trabalhos que eles estão fazendo em relação ao Brasil, e que não tem nada a ver. Então há uma oposição, não é verdade? E que obviamente eu desconsidero, como qualquer adolescente. Então ela é mais do que ambígua, lembrem a questão da ambiguidade, ela cabe em tudo isso, nada é totalmente branco ou preto, as coisas são misturadas, ambíguas. Enfim... e é muito circunstância também. As circunstâncias de por acaso estar nessa época, que é uma época de efervescência do movimento juvenil, estudantil, do mudar a vida e mudar a sociedade, um determinado cenário, em um determinado lugar [em] que isso estava acontecendo [...]*<sup>25</sup>.

Flávia deixa transparecer nas suas memórias a forma pela qual a militância passou a fazer sentido em seu projeto de vida. Ela destaca, nessa direção, a influência, mesmo que “ambígua”, de Paulo Schilling no seu direcionamento político. Afinal, o exemplo estaria dentro de casa. Na perspectiva da ex-militante, mesmo se colocando contra as suas opções, talvez pelo desejo de protegê-la, ele sabia que ela estava seguindo seu exemplo, “seu compromisso, militância e solidariedade”. De acordo com tal visão retrospectiva, a militância significava para Flávia criar raízes, se envolver com o Uruguai, achar espaço, acabar com as ilusões do breve retorno. Era começar a projetar. Projetar em um campo de possibilidades mais amplo: efervescente, estudantil, juvenil, engajado, revolucionário. A opção pela militância, no caso de nossa personagem, pode ser vista, portanto, como uma forma de inserção na sociedade uruguaia, uma busca de espaço que “de alguma maneira representava o fim de uma história brasileira”, “um fim de não ser de lugar nenhum”, a “aceitação de uma integração, de uma constituição de uma raiz”. A militância era, enfim, a porta de entrada para

---

<sup>25</sup> Entrevista de Flávia Schilling concedida ao autor. Porto Alegre, abril de 2013.

algum lugar desejado, uma forma de sair da sua realidade de exilada, de “fora do lugar”, e de encarar algo novo, diferente.

Buscamos, assim, romper com a “ilusão biográfica” de que Flávia iria ser inexoravelmente militante devido as suas raízes familiares. É preciso ir além dessa explicação determinista e unilateral, e entender o contexto em que estava inserida a personagem. Ela morava no Uruguai em um momento no qual parcela significativa dos estudantes encontrava-se muito envolvida com a política. O país vizinho passava por uma forte crise e vivia intensa ebulição social. Entendendo que ali era o lugar para criar raízes, que era no Uruguai que iria ficar por um bom tempo, Flávia se distanciou da militância do pai (que tinha como horizonte a volta ao Brasil) e se inseriu de fato na nova realidade. Viveu em uma geração e em um momento preciso. Construiu-se como indivíduo nesse meio e a partir das relações que o constituíam. Toda a situação familiar experimentada até ali deixou suas marcas, mas não foram somente as vivências estabelecidas dentro de casa que a influenciaram. Essas só ganharam sentido em um campo de possibilidades mais amplo, o qual possibilitou à personagem construir-se como militante e projetar novos caminhos individuais e coletivos.

#### **Bibliografia:**

ABREU, Alzira Alves de. Quando eles eram jovens revolucionários: os guerrilheiros das décadas de 60/70 no Brasil. In: VIANNA, Hermano (org.). *Galerias cariocas – territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

ARAÚJO, Maria Paula. 1968, nas teias da história e da memória. In: *Clio – Série Revista de Pesquisa Histórica*, N. 26-1, 2008.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOBSBAWM, Eric. J.. *Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARKARIAN, Vania. *El 68 uruguayo: El movimiento estudiantil entre molotovs y música beat*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2012.

MARQUES, Teresa C. Schneider. *Ditadura, exílio e oposição: Os exilados brasileiros no Uruguai (1964-1967)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2006.

PADRÓS, Enrique Serra. *Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e segurança nacional: Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura civil-militar*. Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

PADRÓS, Enrique Serra. 1968: contestação e utopia. In: HOLZMANN, L; PADRÓS, E. S.(org.). *1968: contestação e utopia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PADRÓS, Enrique Serra; FERNANDES, A. S. . O 68 no Uruguai: crise estrutural, mobilização social e autoritarismo. *História. Debates e Tendências (Passo Fundo)*, v. 8, p. 28-49, 2009

- RODEGHERO, Carla Simone; DIENSTMANN, Gabriel; TRINDADE, Tatiana. *Anistia ampla, geral e irrestrita: história de uma luta inconclusa*. Santa Cruz do Sul: Editora da Unisc, 2011.
- SCHILLING, Flávia. *Querida Família*:. Porto Alegre: CooJORNAL, 1978.
- SCHILLING, Flávia. La adolescencia sin soledad. *Cotidiano Mujer*. Montevideo: III Época, n. 28, p. 5, ago./nov. 1998.
- SCHMIDT, Benito Bisso. O(s) uso(s) da noção de geração na História Social. Comunicação, UNICAMP, 1998.
- SCHMIDT, B. B.; SILVA, D. S.; LACCIO, C.. María Regina en el país de las maravillas: género, violencia, política y resistencia cotidiana en la narrativa autobiográfica de una militante de izquierda (Brasil-Argentina, décadas de 1960 y 1970 desde el presente). *Historia, Voces y Memoria*, v. 6, p. 19-38, 2013. UNICAMP, 1998.
- SILVA, D. S.. "Até que um dia, de repente, tudo passa a ser contado no passado" : os projetos, as memórias e os campos de possibilidades na formação do indivíduo Flávia Schilling (Brasil - Uruguai, 1964-1980). Dissertação – Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- SOUZA, Susana B. O México Rebelde e o Uruguai da transição. IN: *1968: contestação e utopia*. HOLZMANN, L.; PADRÓS, E. S. (org.). Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- VILLALOBOS, Marco Antônio. *Tiranos Tremei! Ditadura e Resistência Popular no Uruguai (1968-1985)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.